

O TRABALHO COM TEXTOS, MOVIMENTOS LITERÁRIOS E TEMÁTICAS QUE RETRATEM MAIS SOBRE A QUESTÃO INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Pietra Gabrielle Fernandes da Costa (UFPA)¹

Orientador: Prof. Dr. Benedito Ubiratan Pinheiro (UFPA)²

Resumo: A presente pesquisa objetiva discorrer sobre a necessidade de se desenvolver de forma mais acentuada, no processo de ensino-aprendizagem, o trabalho com temáticas/movimentos literários/textos que abordem a figura do indígena, suas lutas, desafios e preconceitos vividos, para que a partir dos inúmeros conhecimentos presentes nestes tópicos os estudantes possam compreender melhor alguns aspectos relevantes, tais como: de que forma se deu o processo de "descobrimto" do Brasil, como o indígena é mostrado dentro dos movimentos literários, os estereótipos construídos acerca desses povos ao longo do tempo e a relação que tudo isso tem com a contemporaneidade, vislumbrando, para que isso se faça possível na educação básica, abordagens didático contextualizadas. A metodologia deste trabalho se configura como uma pesquisa bibliográfica e a sua fundamentação teórica está respaldada em Libâneo (2013), Ferreira (2021), Souza (1999), Freitas (2020), Carvalhal (2006), Brito (2009) e Ribeiro (2022), que abordarão sobre a didática e as problemáticas que giram em torno do ensino de literatura, os estudos comparativos literários e a valorização da cultura indígena na educação. Além disso, a pesquisa também se utiliza de textos pertencentes a alguns movimentos literários para discutir sobre a imagem criada acerca dos povos tradicionais, a saber: “Carta de Pero Vaz de Caminha” (Quinhentismo), “Os Timbiras” (Romantismo), “Erro de Português” (Modernismo) e “As coisas como elas são” (Contemporaneidade). Dessa forma, pretende-se, com este estudo, fazer com que o passado, o presente e o futuro dos povos originários seja mais visto, entendido e inserido no ambiente da sala de aula, principalmente levando em consideração a ainda superficialidade e invisibilidade do seu trato na educação brasileira.

Palavras-chave: Povos indígenas. Movimentos Literários. Ensino-aprendizagem de literatura. Educação Básica.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de duas disciplinas ministradas ao longo do período da graduação em Letras – Língua Portuguesa, sendo elas: Literatura Brasileira I e Literatura Comparada. Tais componentes curriculares tornaram possíveis inúmeras discussões frutíferas sobre a construção da literatura brasileira e a valorização da temática indígena, fazendo visível a sua importância e a sua ainda contraditória carência nas discussões educacionais. Ao longo dos debates traçados durante essas disciplinas, urgiu a fundamentalidade de escrever e trazer

¹ Graduanda do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, campus Bragança. pietra25gabrielle@gmail.com

² Professor adjunto da Universidade Federal do Pará, campus Bragança. ubiratanjr@ufpa.br

mais a tona reflexões sobre a educação básica e até mesmo a educação superior brasileira, no que diz respeito a essa superficialidade e invisibilidade do trato com as questões indígenas, que ficam quase sempre à margem dos debates e, sobretudo, das práticas educacionais. O que se percebe, quando se observa o cenário das escolas básicas que foram realizados os estágios da graduação e o cenário da universidade de Bragança-PA, é uma ainda carência de trabalhos que valorizem os povos tradicionais. É óbvio que existem, sim, projetos que desenvolvem essa temática, mas o que entra em discussão aqui é essa certa ausência de mais discussões, de mais trabalhos, de mais abordagens acerca disso. Durante a faculdade de Letras-Língua Portuguesa, campus Bragança-PA, por exemplo, existem poucas disciplinas que aprofundam debates sobre a cultura indígena, como se tais questões não fizessem parte da construção estrutural do Brasil ou como se não refletissem nas práticas discriminatórias e desumanas ainda ocorridas nas sociedades contemporâneas. Logo, esse estudo se justifica nesse ponto: na essencialidade de discutir mais sobre a cultura indígena dentro das salas de aula da escola, da universidade e dentro do imaginário social, para que estereótipos e preconceitos possam ser transformados em valorização e compreensão da grandeza desses povos na construção da nação brasileira. Vale apontar, ainda, que essa pesquisa se utiliza de estudos comparativos entre as obras analisadas, tendo como base para isso os estudos de Carvalho (2006), que trata sobre a história e a lida com os estudos literários comparativistas ao decorrer do tempo.

Nesse panorama, quando se observa o início da Literatura Brasileira, um dos primeiros textos que vem a tona é a carta de Pero Vaz de Caminha, documento que faz parte da Literatura Brasileira de Informação (Quinhentismo): período que corresponde aos textos escritos acerca do Brasil no início do processo de colonização, os quais tinham o objetivo de informar, à coroa portuguesa, aspectos do novo território recém “descoberto”. Essa carta é considerada um dos primeiros desses textos escritos, sendo um grande exemplo dessa literatura informacional, já que o autor faz uma descrição bastante detalhada sobre as terras brasileiras, os povos que nela habitavam, seus costumes e uma série de outras primeiras impressões que ele teve sobre o ambiente.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros (...). Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E

esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963).

No trecho acima, assim como já foi exposto anteriormente, é possível perceber o relato descritivo daquilo que o autor encontrou no novo território que os portugueses estavam explorando. Também vale pontuar que essa literatura de informação é feita com base na perspectiva do colonizador, isto é, uma perspectiva eurocêntrica que estava encalçada no cristianismo e na organização social da Europa, especificamente de Portugal, sendo completamente distante da organização das aldeias indígenas daquela época. Isso pode ser percebido em algumas partes do trecho acima, em que o escritor demonstra estranhamento diante dos costumes indígenas: “Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto”. Sendo assim, “os textos de informação assumem a voz da cultura dominante quando se colocam em posição oposta às formas de convivência entre as tribos, condenando a antropofagia, a nudez e a poligamia” (Valente, 2018, p. 3). Nessa mesma linha de raciocínio, Santos (2009, p. 49) afirma que “O interessante em reexaminar um texto da literatura considerada informativa ou de viagem é reconhecer em seu conteúdo uma parcela da história nascente do Brasil, vista pelo olhar do invasor”, isto é, essa literatura permite visualizar o Brasil daquela época, mas tal visualização ocorre por um prisma europeu, do invasor. Então é riquíssimo refletir como esse olhar do colonizador moldou o Brasil daquela época e como ele ainda se faz presente atualmente. Essa visão de superioridade por parte dos colonizadores resultou em incontáveis violações contra os povos indígenas, as quais, infelizmente, ainda se perpetuam até os dias atuais, sendo, em muitas realidades educacionais, pouquíssimo debatidas em sala de aula e lembradas somente em datas comemorativas, como o dia do índio, por exemplo. Sobre isso,

Observa-se que nas escolas-não indígenas, os povos indígenas são retratados como a expressão do folclore nacional ou como elementos presos a um passado longínquo da história brasileira. São lembrados nas aulas do período colonial e eventualmente em outros momentos da história nacional ou nas manifestações do dia 19 de abril, quando as crianças saem da escola com os rostos pintados ou com uma pena de cartolina presa à cabeça. Nesta perspectiva a cultura dos povos indígenas está condenada à extinção e o tempo presente não pertence a eles. (BRITO, 2009, p. 61).

Tudo isso se configura uma grande herança do pensamento colonizador, que pode e precisa ser mais notada e superada dentro da educação brasileira.

OUTROS MOVIMENTOS LITERÁRIOS QUE RETRATAM A FIGURA DO INDÍGENA

Somado a tudo o que foi exposto anteriormente, também é indispensável abordar a respeito da fundação de outras manifestações literárias a partir da literatura de informação, isto é, a literatura quinhentista serviu como base para a formação de alguns movimentos literários que vieram após ela. Consoante a isso, Freitas (2020) diz:

Pode-se afirmar que os ideais preconizados nos manifestos do início do período moderno na literatura brasileira tiveram uma base nos registros históricos e literários do período colonial brasileiro: elementos como o descobrir, o pau-brasil e a antropofagia foram utilizados para representar a busca pelo redescobrimto do Brasil em sua autenticidade primitiva. Esses elementos são aqueles que outrora registraram os escritores do período quinhentista. (Freitas, p. 171, 2020).

Isso quer dizer que para compreender melhor o Modernismo, o Romantismo, a Contemporaneidade e outros períodos da história literária é imprescindível que se tenha um bom suporte do início da formação da literatura brasileira. Ao observar o movimento modernista, por exemplo, é bastante claro que ele prega o surgimento de uma literatura mais nacionalista, a fim de exaltar a identidade e os aspectos da cultura brasileira, que é justamente o que acontece na primeira fase do Romantismo também. Ou seja, como desde o início a literatura brasileira bebeu diretamente na fonte da literatura portuguesa e europeia, o Romantismo e o Modernismo perceberam que era necessário mudar isso, colocando como heróis aqueles que outrora foram colocados como criaturas pouco civilizadas e inferiores. Desse modo, a literatura modernista e a da primeira fase romântica são um afastamento da literatura da colonização, uma negação à imposição do colonizador português. É possível observar claramente isso no poema “Os Timbiras”, de Gonçalves Dias, pertencente ao Romantismo, em que o autor trata o indígena como um guerreiro, um homem destemido e valente, fabricante de lutas incansáveis. Também percebe-se a menção de que o povo americano está extinto, fazendo alusão e uma certa denúncia ao processo de colonização, em que os povos originários foram quase dizimados. Esse poema traz o indígena de uma forma bastante diferente da carta de Pero Vaz, por exemplo, na qual ele é retratado como uma criatura estranha, que precisa de salvação. Agora, esse mesmo indígena é visto como o grande salvador/herói da nação.

[...] As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira.– Evoco a sombra Do selvagem guerreiro!
[...] Sentado em sítio escuso descansava
Dos Timbiras o chefe em trono anoso, Itajubá, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansáveis lutas.

Além disso, há o poema modernista “Erro de português”, de Oswald Andrade, que também retrata um pouco acerca da figura indígena.

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.

Andrade, Oswald. Poesias reunidas. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1971.

Nele, o autor critica claramente a imposição da cultura portuguesa sobre a dos indígenas, afirmando que o português vestiu/impôs ao índio os seus costumes, imposição essa que pode ser perfeitamente percebida nos textos da literatura de informação, onde os indígenas são sempre tratados como criaturas que precisam encontrar a salvação e a evolução, as quais Portugal fará o “favor” de lhes proporcionar. Vale pontuar que o Manifesto Antropofágico e o Manifesto Pau-Brasil, também idealizados por Oswald Andrade, retratam e reafirmam nitidamente a necessidade modernista de resgatar o primitivo de uma maneira positiva. Aqui, a antropofagia não é mais vista como aberração, mas sim como algo bom: o indígena que “come” o estrangeiro, ou seja, o indígena que devora toda a imposição e violação trazida pelo homem europeu, ao invés do contrário. Ademais, no que diz respeito à literatura contemporânea, o poema de um autor indígena chamado Ademario Ribeiro, intitulado “As coisas como elas são”,

Rompe com as informações estereotipadas e genericidades acerca das habitações dos povos originários, as quais são chamadas uniformemente de ocas, assim como há um pensamento da maioria da população que afirma como se todos os indígenas falassem a língua tupi-guarani, professassem tupã como Deus, praticassem a poligamia, vivessem em florestas e campos e que deixassem de ser índios verdadeiros se morassem em cidades etc. (Ribeiro, 2001, p. 17)

A tentativa de superação dessa imagem estereotipada desses povos está bastante presente no poema abaixo, que, como já foi mencionado, rompe com visões limitadas e generalizadas que são colocadas sobre eles, especificamente no que diz respeito aos seus locais de moradia. Entretanto, outras imensas discussões podem ser tecidas sobre outros aspectos da vida e dos costumes culturais dos indígenas a partir deste poema.

Se aprende na escola
Que casa de índio é OCA
(isso se for para os Tupi)
E é que também cola
Se for para os Wayãpy.
Aonde Yanomami se toca

É bom não confundir
Ele chama de MALOCA
Mas para os Xavante é RI
Para os Pataxó é PÃHÃI
É SETHE para os Fulniô
Para os Karajá é HETÔ
Para os Munduruku é UKA...
[...]
Muito que se resgatar
Para se prosseguir
Muito que se reutilizar
Para se garantir
Muito que se reciclar
Para se redistribuir
Muito que se preservar
Para existir
Para existir
As coisas são como elas são
É preciso reaprender
Aprender a antiga ea nova lição!

Ribeiro, Ademario. Poética Poranduba - Eco-Étnica. Salvador: Editora do Autor, 2001.

Nesse prisma, é urgente integrar e relacionar os movimentos literários, posto que eles não são blocos independentes uns dos outros, mas sim apresentam muitas interligações, sobretudo quando se trata da relação entre o início da literatura nacional com as demais manifestações literárias posteriores. Assim sendo, demonstrar esse embricamento existente dentro da literatura é despertar, nos estudantes, conhecimentos que são contínuos e que conversam entre si, fazendo com que a aprendizagem faça sentido e siga um percurso lógico e interligado. Outrossim, esses textos destacados demonstram facetas diferentes colocadas sobre os povos originários, associando-os ora a criaturas estranhas, ora heroicas, ora injustiçadas, ora estereotipadas. Levar esses documentos para a sala de aula é dar a possibilidade de a educação construir diálogos culturais que servirão para superar essas noções deturpadas sobre os primeiros habitantes das terras brasileiras, reforçando o quanto eles ainda são vistos, apesar de mais de quinhentos anos depois, como Pero Vaz descreve.

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR, NO CONTEXTO DA SALA DE AULA, ABORDAGENS QUE VALORIZEM A CULTURA INDÍGENA BRASILEIRA

Levando em consideração o exposto anteriormente, mostra-se a importância de se trabalhar, dentro da sala de aula e de um modo mais aprofundado, textos e temáticas que enalteçam o indígena, pois é evidente que esses textos, como os apresentados acima, são fontes muito ricas de como ocorreu o processo de colonização, de como os portugueses viam os povos

que aqui habitavam, da relação que se estabeleceu entre colonizador-colonizado e de aspectos gerais sobre o Brasil daquela época - aspectos esses que tem total relação e que ainda refletem no mundo contemporâneo - ou seja, essa literatura de informação e os demais movimentos literários posteriores podem ser entendidos como uma possibilidade de acesso e de compreensão do contexto histórico da colonização, da pós-colonização e dos reflexos disso na contemporaneidade, além de ser o pontapé e a base da formação literária nacional, uma vez que foi a partir do Quinhentismo que alguns outros movimentos literários foram se desenvolvendo e tomando suas próprias características. Além disso, todas essas informações podem ser observadas nos próprios textos da época, isto é, não são informações ou características soltas daquele período, muito pelo contrário, elas existem por meio desses relatos dos viajantes portugueses, sendo algo vivo e palpável, o que proporciona aproximação com o objeto (texto) de estudo, a qual é mais que necessária dentro da aprendizagem (Freire, 1997).

Quando se observa, por exemplo, o grande preconceito social que ainda existe sobre os povos indígenas, tratando-os como atrasados, inferiores e incapazes, ou quando se observa a pouquíssima representatividade que eles ainda têm na sociedade como um todo: escola, universidade, política e entre outras esferas, nota-se a urgência do trabalho com esse tema. Por outro lado, quando se nota, recentemente, o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), do ano de 2022, trazendo uma temática voltada para os povos tradicionais do nosso país, ou quando se nota a atual criação do Ministério dos Povos Indígenas, liderado pela indígena Sônia Guajajara, percebe-se que tal assunto já assume um local de destaque, mas que ainda precisa ser muito reforçado e discutido para atingir plenamente um debate coletivo.

Nesse sentido, a partir do que foi exposto até aqui, surgem alguns questionamentos: tendo em vista a importância dos assuntos indígenas e de tudo o que eles representam dentro dos movimentos literários nacionais, por que essa temática não é devidamente trabalhada em sala de aula? Ou melhor, por que, em muitos casos, ela não é sequer mencionada? Responder tais questionamentos requer analisar como tem funcionado o ensino de literatura, requer refletir sobre os principais problemas que ainda tem assolado esse ensino e assumir posturas que modifiquem tal cenário. Ora, se a literatura de informação e alguns outros movimentos literários são tão repletos de possibilidades de debates, de entendimentos e construções identitárias, é preciso observar o que tem acontecido de para que ainda haja uma grande desvalorização desses saberes.

OS ENTRAVES NO ENSINO DE LITERATURA E UMA PROPOSTA DE MUDANÇA

Ainda acerca dos questionamentos feitos no tópico anterior, é necessário refletir, primeiramente, acerca do ensino da literatura como um todo. De acordo com Souza (1999), o ensino da literatura brasileira se prende ao estudo das características dos movimentos literários e dos seus autores, sendo demasiadamente conteudista e periodizado, isolando as manifestações literárias como se elas não tivessem ligação uma com a outra e desvalorizando o estudo literário por meio de textos socialmente relevantes e/ou instigantes. Acerca disso, é evidente que o ensino literário acaba se tornando exaustivo, massivo, decorativo e pouco eficiente. Adicionado a isso, Ferreira (2021) aponta para a importância de um ensino que esteja ligado à realidade dos alunos, ou seja, ao invés de trabalhar leituras clássicas de autores cânones (outro fator recorrente nas aulas de literatura), deve-se trabalhar com textos que estejam diretamente ligados à história do estudante, às suas origens e à identidade deles. Vale salientar que as leituras de obras de autores clássicos e renomados são, sim, necessárias, mas quando isso ocorre em um contexto que o estudante não tem tanto acesso à leitura (realidade da maioria das turmas das escolas brasileiras), a aprendizagem não funciona e o aluno desenvolve até mesmo o pensamento de que não sabe ler, de que literatura é difícil, de que todos os textos literários são inacessíveis e assim por diante, de modo que esses pensamentos dificultam todo o processo de ensino-aprendizagem da literatura, gerando noções e preconceitos errôneos sobre ela.

Outrossim, o devido trabalho com movimentos literários como o Quinhentismo, o Romantismo, o Modernismo e a Contemporaneidade, mais precisamente com os textos trazidos aqui, por exemplo, possibilita uma infinidade de discussões e reflexões ligadas à identidade brasileira do aluno, às noções deturpadas que muitas vezes ainda temos dos povos indígenas, aos preconceitos e imposições religiosas que muito ocorrem hoje em dia, à cultura e assim por diante, uma vez que, mesmo séculos depois, a colonização ainda reflete nos nossos dias atuais, sendo assim, trazer isso para a sala de aula é assumir a responsabilidade de mudar esse cenário. Logo, trabalhar tudo isso vai muito além de estudar características e autores desses períodos, é estudar a história do povo brasileiro e das suas origens enquanto nação. Seguindo esse caminho, Perrone-Moisés (2004, apud Ferreira, 2021) destaca que o ensino de literatura serve, além de outras coisas, como um instrumento de autoconhecimento e de conhecimento do outro, isto é, tal pensamento confirma a relevância da inserção de abordagens sobre os povos tradicionais no ensino, já que o estudo desse assunto possibilita, ao estudante, dentre outras coisas, conhecer a história dos povos que primeiro estiveram no Brasil e também relacionar isso com pontos da sua própria história.

Entretanto, existe outro ponto importante acerca do trabalho com a literatura de informação. Ele precisa ser didático e envolvente para o aluno. Libâneo (2021) traz contribuições muito significativas sobre a didática do ensino, reforçando a relevância de se trabalhar conteúdos significativos e reais. Nesse panorama, o trabalho com a literatura de informação se enquadra com o pensamento de Libâneo, já que é um conteúdo que tem bastante relevância por se tratar de um período marcante da história brasileira, além de ser real, palpável e interligado com a atualidade. O professor não deve apenas selecionar os textos do Quinhentismo ou de qualquer outro movimento e levá-los de qualquer forma para a sala de aula, uma vez que tais escritos apresentam uma linguagem que requer certo amadurecimento de leitura, porém não quer dizer que eles não possam ser trabalhados no ensino fundamental ou médio, já que o que importa é a forma (metodologia) que o professor irá utilizar, a qual deve inserir e despertar o máximo possível o aluno para aquele assunto.

Nesse sentido, é fundamental desenvolver a valorização dos povos indígenas e do trato envolvente com os movimentos literários, dentro do ambiente escolar, mas é fundamental, sobretudo, que esse desenvolvimento ocorra de uma forma eficiente e abrangente. Por exemplo, ao trabalhar sobre questões indígenas e sobre os movimentos literários citados nesse trabalho, o docente poderia começar esse estudo com o poema “Erro de Português”, ou “as coisas como elas são”, já que são textos com linguagens mais acessíveis, e amadurecer debates e diálogos para se chegar no poema “Os Timbiras” e na Carta de Pero Vaz de Caminha, que possuem uma linguagem mais rebuscada, por sua vez, fazendo um rico estudo literário comparativo. Assim, pensar nessas logísticas e desenvolver, sobretudo, discussões coletivas sobre o assunto são formas simples e, ao mesmo tempo, significativas de formar cidadãos que não irão perpetuar pensamentos excludentes e estereotipados sobre os povos indígenas brasileiros. Inclusive, como já foi mencionado anteriormente, este artigo surgiu a partir de debates como esses, os quais por mais que tenham ocorrido em momentos isolados do curso, suscitaram e despertaram a necessidade urgente de falar mais sobre isso, em todos os níveis educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, diante das abordagens feitas no decorrer dessa pesquisa, fica claro que o trabalho com textos, movimentos literários e temáticas que retratem a vida dos indígenas precisa ocorrer mais assiduamente, já que a partir disso o estudante consegue entender e problematizar o processo de colonização, seja por meio da compreensão do quanto esse processo afetou os indígenas da época, seja por meio da consciência de que – presentemente – ainda existem

muitos resquícios negativos dessa época, seja tomando consciência da formação da identidade do povo brasileiro, incluindo a sua. Além disso, o estudante conseguirá enxergar a relação que existe entre alguns movimentos literários, compreendendo os acontecimentos da literatura como interligados, ao invés de soltos e periodizados. Lembrando que tudo isso deve ocorrer de um modo dinâmico e condizente com a realidade do discente, como foi demonstrado no decorrer desse texto.

Assim, é de suma importância que esse tema seja mais discutido e lavado para debates com a escola e os professores desde já, podendo ocorrer por meio de formações continuadas que auxiliem e despertem os docentes acerca da relevância desse assunto. Essas formações podem ocorrer em parceria com as universidades, por exemplo, já que também são locais de surgimento de reflexões acerca da melhoria do ensino escolar, como no caso desse estudo. Além disso, essa pesquisa serve como inspiração e uma espécie de incentivo para um maior trabalho com as questões indígenas.

REFERÊNCIAS

Andrade, Owsvald. **Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1971.

Brito, Edson Machado de. **O ensino de História como lugar privilegiado para o estabelecimento de um novo diálogo com a cultura indígena nas escolas brasileiras de nível básico**. In: Fronteiras. Dourados: UFGD, v. 11, n. 20, p. 59-72, jul./dez. 2009.

Carvalho, Tânia. **Literatura comparada**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

Dias, Gonçalves. Os Timbiras. In: **Poesia completa e prosa escolhida**. Rio de Janeiro : José Aguilar, 1959. p.473-523.

Edição de base: **Carta a El Rei D. Manuel**, Dominus: São Paulo, 1963.

Ferreira, Juliana Cristina. **O ensino de literatura no Brasil: uma abordagem do currículo no Ensino Médio**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 26, p. 01-11, 2021.

Freitas, Lincoln Felipe. **Novo mundo, utopia, pau-brasil e antropofagia: dos quinhentos ao moderno – uma aventura do (re)descobrir**. Revista de estudos acadêmicos de Letras, Paraná, v. 13, nº 1, p. 171-189, 2020.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz na terra, 1997.

Santos, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matrizes da figuração**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2009.

Souza, Roberto Acízelo de. **O império da eloquência**: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ: EDUFF, 1999.